

# MUN

ENTREVISTA

## Museus devem divulgar ciência com emoção

Emoção é a palavra de ordem para o diretor do Museu da Ciência de Barcelona, Jorge Wagensberg. Segundo ele, a emoção é elemento fundamental para transmitir conhecimento científico para o público, já que ela não impõe barreiras sociais ou econômicas. A nova museologia pregada por ele e sua equipe deve ser antes de tudo universal e incluir, não apenas os elementos de uma exposição, mas também a arquitetura, conteúdos, comunicação, objetos e equipe. Em visita ao Grupo de Estudos acerca das idéias de Evolução e Progresso do Departamento de História da USP, em dezembro de 2002, Wagensberg, que é físico, falou à *Ciência e Cultura*.

*O que os museus brasileiros de ciência, devem fazer para atrair mais visitantes?*

**JORGE WAGENSBERG** A palavra [chave] 'museística' é a emoção. A museologia moderna deve ter alguns elementos emblemáticos que fiquem na memória coletiva do cidadão. O problema é fazer isso, sem perder o rigor científico. Uma das nossas hipóteses de trabalho é que a audiência de um museu é universal, não depende da idade, da formação cultural ou do nível econômico de seus visitantes, nem do lugar onde está situado. Um bom museu está baseado

em emoções, e as emoções são iguais para os jovens, para qualquer pessoa. O museu para os adultos também deve ser *hands-on* [toque], *minds-on* [reflexão] e *heart-on* [emoção]. Tem que haver também uma interatividade mental, mais importante que a manual. Nós queremos que se faça uma nova museologia.

*Qual a importância da divulgação científica?*

Se o cidadão tiver opinião científica, seguramente os políticos a conhecerão, o que é bom pois políticos, em geral, não conversam com a comunidade científica. Em um sistema democrático, eles são pressionados pela opinião pública, pelo voto. Por isso, os cientistas devem transferir seus conhecimentos ao eleitor, e o eleitor aos políticos. Assim, o museu não é apenas um centro para crianças, mas um centro para adultos, um lugar de encontros. Essa é minha crítica aos museus norte-americanos que têm, exceto poucas exceções, uma grande tendência a fazer museus para crianças.

*É importante o trabalho de educação nos museus?*

A prioridade do museu é o estímulo, não a educação, embora ela não esteja



Germana Barata

Jorge Wagensberg, diretor do Museu de Ciência de Barcelona

proibida. Uma visita dura 3 horas, não há tempo de educar mas, sim, para mudar a atitude diante da educação. É importante que, na saída, o visitante tenha muito mais perguntas do que ao entrar. O museu deve mudar a atitude do espectador. Creio que é um erro tentar converter o museu em escola. Seus recursos devem ser para despertar a curiosidade. É um mal-entendido se pensar que a ciência é uma forma de conhecimento especialmente difícil. A ciência, por definição, é a forma de conhecimento máximo que existe e qualquer cientista é capaz de transmitir o essencial de uma idéia científica a qualquer cidadão. A ciência é objetiva, inteligível e dialética. A ciência que não se pode transmitir não é ciência.



## Notícias do Mundo

*Como combinar conteúdo científico e atração na divulgação científica?*

Os melhores estímulos para transmitir o conhecimento científico são os mesmos que fazem com que os cientistas investiguem, façam a pesquisa. A ciência é uma fonte imensa de bons estímulos. O trabalho principal do divulgador é averiguar quais são estes estímulos do cientista e convertê-los em divulgação. Creio que as grandes revistas de divulgação científica, na verdade, são feitas por bons jornalistas e não cientistas. A tendência do cientista é escrever tudo que sabe, com muito rigor. Ele se preocupa com a opinião que seus colegas vão dar. Acaba confundindo o rigor científico com o rigor *mortis*. Mas as boas revistas, como *La recherche*, estão sendo feitas por 4 ou 5 jornalistas muito bem conectados com a comunidade científica. Às vezes, detalhes que o cientista nem sequer lembra, para o museólogo ou o divulgador isso é justamente o que fará com que o cidadão venha ao museu ou compre a revista. No entanto, também existem problemas, inclusive em revistas científicas importantes, como a *Nature e Science*, que fazem o que se chama de *press release* e criam armadilhas. Não dizem mentiras, mas escrevem as coisas de maneira que a imprensa se equivoca.

*O museu tem um caráter multidisciplinar. Como que o senhor encara a especialização do conhecimento nas universidades?* Antigamente, o problema era menor porque nas faculdades de ciências todos os cientistas interagiam. Parece frívolo,

mas acho que é um problema de cafeteria. Ultimamente, cada departamento faz seu próprio café, a especialização é tremenda. Já os museus têm o centro de gravidade oposto, porque a prioridade do museu não é o tema, mas sim a realidade. A prioridade é o fenômeno, e para entendê-lo se usa física, matemática, química. Talvez, pelos museus tratarem da realidade, eles sejam um bom lugar para estimular a interdisciplinaridade dos alunos e dos professores. Creio, também, que as universidades deveriam criar lugares de encontro para as pessoas conversarem. A conversação é uma atividade puramente científica, porque experimentar é conversar com a natureza, a reflexão é a conversa consigo mesmo, a conversa com os colegas.

*Para o senhor, então, a ciência deve estar inserida nas conversas entre amigos?*

A ciência aspira entrar no cotidiano. Se há uma partida de futebol, os jornais vão falar sobre isso durante 7 dias; se há uma peça de teatro ou um concerto, há crítica. Agora, ninguém comenta uma exposição de ciência em um museu. Isso é muito grave, porque conhecimento sem crítica é mais grave que crítica sem conhecimento. Há uma enorme contradição: justamente a ciência, que é sobre o que menos se conversa e menos se critica, é a forma de conhecimento que influi cada dia mais na vida da comunidade. No momento que conversarmos sobre ciência, significará que estamos em um momento muito bom.

*Germana Barata*

### BRASIL EM BARCELONA

O Museu da Ciência da *Fundación la Caixa*, o mais importante da Espanha, foi inaugurado, em 1981, numa área de 3 mil m<sup>2</sup> em um edifício modernista do começo do século XX. Em 2003, seu espaço cresceu para 50 mil m<sup>2</sup>, graças ao investimento de US\$ 100 milhões feito pela *Fundación la Caixa*. O novo espaço, a ser inaugurado no primeiro semestre de 2004, poderá receber o dobro da visitação atual, que é de mais de 500 mil pessoas por ano.

O museu dará destaque ao Brasil, a começar pela entrada, onde o visitante se depara com uma árvore da Amazônia (Acariquara) de 30 metros estrategicamente disposta no centro de uma escala helicoidal, que leva os visitantes para o subterrâneo do museu. Uma rocha extraída na região de Piracicaba (SP) integrará uma mostra de geologia, além da reprodução da floresta amazônica, que explica vários processos e ciclos envolvidos na "última floresta do mundo". A ligação com o Brasil começou em 1992, quando Wagensberg organizou uma exposição sobre insetos da Amazônia e, para isso, visitou várias vezes a região. "Foi uma exposição marcante para nós: a história do museu se dividiu em antes e depois dessa exposição", afirma. O contato e parcerias com cientistas brasileiros se intensificaram e, hoje, ele é consultor de alguns museus de ciências do país.